

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESCOLA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Gabriel Bolzan Motta

**RUGBY E PROJETOS SOCIAIS: análise das metodologias a
partir dos cinco valores do Rugby**

Porto Alegre

2023

Gabriel Bolzan Motta

RUGBY E PROJETOS SOCIAIS: análise das metodologias a partir dos cinco valores do Rugby

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado, pela Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Guy Ginciene

Porto Alegre

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes da minha vida, meus dois filhos maravilhosos, Lorenzo e Nicolás, e a minha companheira que eu tanto amo, Maria Carolina.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a duas pessoas que contribuíram sobremaneira para que este trabalho fosse finalizado, minha mãe, Mirian, e minha sogra, Luísa Tânia, que inúmeras vezes abdicaram das suas coisas para estenderem a mão quando precisei.

Agradeço à minha companheira, Maria Carolina, pela paciência e pelo amor que me entregou.

Agradeço especialmente à Elisângela Ananias, um exemplo de mulher, mãe e professora. Sem ela certamente não seria possível a realização deste trabalho.

Agradeço ao Charrua Rugby Clube e aos seus integrantes.

Agradeço do fundo do coração ao Felliipe Aguilár e à Maria Roberta, pessoas incríveis e que contribuíram não somente para este trabalho, mas durante toda minha formação.

Agradeço ao Vicente, profissional dedicado e que, por incontáveis sessões, me fez ver a importância de finalizar esta etapa da minha vida.

Por último, mas com certeza em primeiro lugar na escala de importância, agradeço a espera dos meus filhos que ouviram “não posso brincar agora” mais vezes do que eles e eu gostaríamos. Obrigado pela paciência, meus dois arteiros.

RESUMO

Os projetos sociais têm ganhado tamanho e importância na tentativa de diminuir as distâncias sociais geradas pelo nosso modelo econômico. Neste contexto, o número de projetos que utilizam o rugby cresceu no início do século XXI. Este esporte tem um sistema de valores fundamentais que orienta suas práticas. Assim, definiu-se como objetivo deste trabalho: Levantar, analisar e compreender as metodologias adotadas em três projetos sociais, que tem como características comuns o Rugby como esporte fundante, origem no sul do Brasil e adotam os cinco valores do Rugby em suas metodologias. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois se vale de fenômenos e interações sociais e humanas. Optou-se pelo Estudo de Casos Múltiplos, por proporcionar a análise de três instituições com representatividade e peculiaridades semelhantes para o universo do Rugby. No interior do estudo de casos, elegemos três fontes de dados - revisão bibliográfica, documentos e relatórios dos projetos e entrevistas semiestruturadas com os coordenadores dos três projetos. Como resultado, é possível dizer que os projetos apresentam aproximações e alguns distanciamentos dos cinco valores do Rugby, isso a partir da análise das metodologias adotadas em cada um dos projetos.

Palavras Chave: Rugby, Metodologia, Valores, Projetos Sociais

ABSTRACT

Social projects have gained size and importance in an attempt to reduce the social distances generated by our economic model. In this context, the number of projects using rugby grew at the beginning of the 21st century. This sport has a core value system that guides its practices. Thus, the objective of this work was defined: To survey, analyze and understand the methodologies adopted in three social projects, which have Rugby as a founding sport in common, originated in southern Brazil and adopt the five values of Rugby in their methodologies. This is a qualitative research, as it uses phenomena and social and human interactions. The Multiple Case Study was chosen, as it provides the analysis of three institutions with similar representativeness and peculiarities for the Rugby universe. Within the case study, we chose three sources of data - bibliographical review, project documents and reports and semi-structured interviews with the coordinators of the three projects. As a result, it is possible to say that the projects present approximations and some distances from the five Rugby values, based on the analysis of the methodologies adopted in each of the projects.

📌 **Key words:** Rugby, Methodology, Values, Social Projects

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	07
2.	OBJETIVOS GERAIS	09
	2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3.	PERCURSO METODOLÓGICO: estudo de casos múltiplos	10
3.1.	Delineamento da pesquisa	10
3.2.	Fontes de dados	10
3.3.	Participantes	11
3.4.	Procedimentos de Análise	11
4.	UMA BREVE INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DO RUGBY	12
5.	CONTEXTUALIZANDO: projetos sociais e esportes coletivos	15
6.	OS PROJETOS SOCIAIS: CAPTAR, VOR E NINA	22
6.1.	Projeto Captar	22
6.2.	Projeto VOR	25
6.3.	Projeto NINA	29
7.	DISCUSSÃO	35
8.	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	40
9.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

1. INTRODUÇÃO

Durante a infância e adolescência sempre tive muito presente em minha vida a prática de esportes, tanto na escola quanto em outros espaços como clubes e escolinhas especializadas. Mas nunca passei mais de dois anos praticando o mesmo esporte. Assim foi com alguns esportes coletivos mais populares, como futsal, basquete, vôlei e também esportes individuais, como natação, judô, pa-kua e ginástica olímpica.

Com 20 anos de idade eu tive o primeiro contato com o rugby através do Charrua Rugby Clube¹. Ao longo dos anos o amor pelo rugby cresceu, assim como o tempo que eu me dedicava à prática. Dessa forma, depois de três anos eu recebi minha primeira convocação para a seleção brasileira. Fui morar em São Paulo durante quase dois anos para treinar e jogar representando o Brasil.

Quando voltei para Porto Alegre continuei jogando, mas queria algo mais com o rugby e decidi que ia tentar transmitir o que havia aprendido para novas gerações de atletas. Seguindo essa intenção, assumi como treinador da equipe juvenil do Charrua em 2016. Ao final deste ano, atuei também como treinador do time adulto feminino. Esse foi o ano em que ingressei no curso de educação física na UFRGS, tentando sempre me manter próximo ao esporte que eu amava.

Percebi o quanto era prazeroso e importante para mim atuar como treinador e decidi investir nessa atividade. Realizei os cursos de Coaching 1 e Coaching 2 da Confederação Brasileira de Rugby e também de Educador World Rugby Nível 1. Aqui em Porto Alegre estive à frente do Projeto Captar juntamente com Felipe Aguilar, um trabalho que durou um ano e meio e que rendeu excelentes experiências.

O Projeto Captar era voltado para a captação de jovens entre 13 e 18 anos que nunca haviam jogado rugby. Nossa estratégia foi mapear as escolas que haviam no entorno do campo de jogo do Charrua e apresentar o esporte nesses locais através de oficinas realizadas nos espaços da própria escola. Em

¹ O Charrua Rugby Clube iniciou suas atividades no ano de 2001. Hoje tem sua sede na Sociedade Hípica Porto-Alegrense, na zona sul de Porto Alegre. Além do campo na SHPA, também realiza treinamentos no campo Ramiro Souto, no Parque da Redenção. Para mais informações acessar <https://www.charruarugby.com/site/>.

seguida os estudantes eram convidados a participar dos treinos gratuitos oferecidos na sede do clube.

Durante cerca de 14 meses oferecemos aulas de rugby para cerca de 60 jovens em dois núcleos: um na Sociedade Hípica Porto-Alegrense e outro no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Além disso, impactamos mais de 400 crianças nas oficinas realizadas dentro das escolas.

Mais a frente, na apresentação dos projetos sociais selecionados para este trabalho, vou desenvolver um pouco mais os aspectos do Captar.

Este breve relato, autobiográfico, representa o ponto de partida para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso. Um ponto importante a ser ressaltado, sobre minha trajetória no esporte, como atleta e treinador, foi o encontro com o RUGBY e os valores nos quais se alicerça esta modalidade, mesmo que em alguns momentos a reflexão e análise crítica a respeito da filosofia do Rugby sejam necessárias.

Com isso, levanto a seguinte questão de estudo:

Considerando os cinco valores do rugby – Integridade, Respeito, Disciplina, Solidariedade e Paixão - como os projetos sociais, analisados neste estudo, definem e orientam suas metodologias de trabalho com crianças que aderem e permanecem nestes projetos?

Para responder a esta questão de estudo, seguimos na linha apresentada nesta introdução, percorrendo os caminhos que o Rugby me proporcionou. Para tal, nos propomos a analisar a metodologia de trabalho de três projetos sociais que tem no Rugby sua principal ferramenta, através da qual alicerçam o trabalho com jovens praticantes e atletas, considerando os princípios e valores presentes no Rugby.

Os projetos são o CAPTAR (Porto Alegre- RS), o VOR - Vivendo o Rugby (Curitiba-PR) e o NINA (Porto Alegre-RS). A escolha destes projetos se deu pelo fato de trabalharem com os princípios e valores do RUGBY e por um conhecimento prévio de integrantes dos projetos, ou mesmo por ter atuado e ter sido parte da concepção de um deles.

Na busca por responder nossa questão de estudo e perseguir os objetivos desta pesquisa, traçamos como percurso os seguintes capítulos.

Na Introdução, um breve relato autobiográfico sobre minha trajetória e o encontro com o Rugby. No capítulo 2 apresentamos os objetivos desta

pesquisa, no capítulo 3 a metodologia de abordagem qualitativa do tipo estudo de casos múltiplos, na sequência no capítulo 4 apresentamos um breve histórico do Rugby na Inglaterra e do modelo de jogo exportado para o mundo, no qual exploramos a versão "romantizada" do mito de surgimento do Rugby com o jovem Webb Ellis, e posteriormente com a identificação do Rugby sendo jogado em diferentes culturas, continentes, e com diversas denominações, durante sua esportivização, ainda no século XIX. A seguir, compondo o capítulo 5, a Revisão Bibliográfica com os estudos sobre os conceitos e contextualização de projetos sociais, bem como das metodologias adotadas no Brasil à luz de autores da pedagogia do esporte e de críticos dos modelos de projetos sociais implementados com crianças e jovens em vulnerabilidade social.

Passamos então a apresentação, no capítulo 6, dos projetos sociais aqui analisados, que já fazem parte dos encaminhamentos para análise e discussão. Na sequência, no capítulo 7, buscamos estabelecer um diálogo entre os projetos e suas metodologias, considerando aproximações e distanciamentos dos cinco valores do RUGBY - RESPEITO, INTEGRIDADE, DISCIPLINA, SOLIDARIEDADE E PAIXÃO, presentes nos documentos dos projetos e nos relatos de nossos entrevistados.

No capítulo 8 algumas considerações transitórias, enfatizando a importância da metodologia do RUGBY ter como referência os 5 valores desta modalidade. Com isso, a partir de minha experiência como atleta, técnico e futuro professor de Educação Física, apresentamos um posicionamento sobre a importância de uma metodologia orientada para a formação integral dos jovens, que busca não apenas formar atletas habilidosos, mas também sujeitos que exercitam sua cidadania considerando os valores que lhes foram apresentados através do esporte.

2. OBJETIVO GERAL

Analisar as metodologias de ensino adotadas pelos projetos sociais VOR, NINA e Captar, considerando o grau de articulação destas metodologias com os 5 valores do Rugby.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar informações sobre os Projetos VOR, NINA e CAPTAR
- Descrever as metodologias dos Projetos VOR, NINA e CAPTAR;
- Analisar as aproximações e distanciamentos entre as metodologias dos projetos e os 5 valores do Rugby;
- Compreender as dinâmicas de interação e treinamento a partir dos relatos dos idealizadores dos projetos - VOR e NINA e CAPTAR.

3. PERCURSO METODOLÓGICO: estudo de casos múltiplos

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo estudo de casos múltiplos. Elegeu-se três fontes para o levantamento de dados: revisão de literatura sobre projetos sociais e metodologias do ensino de esportes coletivos, fonte documental (Projetos Sociais) e entrevistas.

Segundo Ventura (2007, pg. 385) “o estudo de caso tem por característica estudar uma unidade, bem delimitada e contextualizada, com a preocupação de não analisar apenas o caso em si, como algo à parte, mas o que ele representa dentro do todo e a partir daí.” Podendo se apresentar como estudo de casos múltiplos, como a pesquisa que se apresenta.

3.1. Delineamento da pesquisa

Para cada um dos projetos foram analisados o documento que rege os projetos e as metodologias desenvolvidas, que foram disponibilizados pelos coordenadores. Estes coordenadores/idealizadores foram também entrevistados para que, através de suas narrativas, apresentassem elementos representativos do que descrevem nos documentos dos projetos.

3.2. Fontes de Dados

As pesquisas que se valem das fontes de papel, neste caso a revisão bibliográfica, que segundo Gil (2008, p.50) "é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos." Nesta

perspectiva, previamente foi feito um levantamento dos estudos sobre projetos sociais e metodologias do ensino dos esportes coletivos, com uso do Mendeley e do Google Acadêmico, para fundamentar teoricamente nossa discussão. A partir de alguns artigos iniciais que nos interessaram bastante, também levantamos as referências bibliográficas destes artigos para encontrar outras publicações que considerássemos interessantes, com assuntos relacionados aos projetos sociais, iniciação esportiva e pedagogia esportiva.

Os professores e a coordenadora dos projetos disponibilizaram documentos que traziam algumas informações sobre suas metodologias, número de jovens impactados, objetivos, valores seguidos pelos projetos. Tivemos acesso a um documento de apresentação e ao Relatório Final do NINA, um documento sobre metodologia e outro de apresentação do VOR e também três documentos do CAPTAR, um termo de responsabilidade, e duas apresentações. Foram feitas também entrevistas com um representante de cada projeto. Segundo Gil (2008, pg. 109) “a entrevista é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.”

Desta forma, nos mantemos alinhados com a definição trazida por Gil (2008, pg.58) sobre estudos de caso, onde diz que “são utilizadas várias fontes de evidência.”

3.3. Participantes

Os sujeitos foram selecionados e convidados considerando a centralidade das funções que ocupam. Conseguimos entrevistar um representante de cada projeto estudado.

O professor do CAPTAR trabalhava junto comigo no projeto e ainda mantemos um contato muito próximo, de maneira que foi muito fácil contatá-lo. A professora do projeto NINA foi muitos anos colega de clube, portanto também conseguimos entrar em contato e realizar a entrevista com bastante agilidade.

Já a coordenadora do VOR, que aceitou realizar a entrevista, era reconhecida justamente por seus esforços em prol do rugby. O contato dela foi cedido pela própria professora do Projeto NINA.

Posteriormente ao aceite para participar da pesquisa, os entrevistados foram convidados e definiram o dia e horário que melhor se ajustava às suas agendas. Com dois deles (NINA E CAPTAR) a entrevista foi realizada pessoalmente, e em ambos os casos, após apresentação da pesquisa e convite para participar das entrevistas, elas foram feitas ao vivo, com o auxílio do gravador do celular.

Já a coordenadora do VOR foi contatada somente através da internet, e pediu uma reunião prévia, que foi realizada pelo Google Meet. A reunião seguinte, já para realização da entrevista, foi feita pelo Teams e gravada no próprio aplicativo.

Posteriormente realizamos a transcrição das entrevistas.

3.4. Procedimentos de análise

Para realização da análise dos dados coletados, inicialmente elencamos cinco categorias para melhor visualizar as informações sobre os projetos: perfil dos entrevistados, desafios iniciais, objetivos do projeto, a metodologia adotada e a presença dos valores do Rugby nos documentos e nas entrevistas.

Em seguida, buscamos estabelecer um diálogo entre essas categorias e os projetos analisados buscando aquilo que é comum entre eles e tentando nos distanciar de comparações, já que o VOR, o NINA e o CAPTAR encontram-se em momentos bem distintos,

4. UMA BREVE INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DO RUGBY

Quando se fala da história do Rugby, é necessário citar que ele descende, assim como muitos esportes, de vários jogos com bola que eram jogados tanto na Inglaterra quanto em outros lugares do mundo, incluindo muitas das ex-colônias britânicas, o que pode ter facilitado o caminho para a aceitação das regras do esporte no processo de exportação às populações dessas localidades. Alguns dos exemplos são o Ki-o-rahi na Nova Zelândia, o Marn Grook na Austrália, o Caid na Irlanda e até mesmo o Calcio, na Itália.

Na Inglaterra, três eventos marcam o surgimento do esporte. Em 1845, na Escola de Rugby, da cidade de Rugby situada ao norte de Londres, foram compiladas as primeiras regras do que, na época, era ainda chamado apenas

de “football”. Em 1863 o Blackheath’s Club decidiu se desassociar da Football Association (FA), já que esta impôs algumas regras, dentre elas a proibição de carregar a bola com as mãos. A partir dessa cisão, o esporte jogado em desacordo com as regras da FA passou a ser chamado de Rugby Football. No ano de 1871 foi formada a Rugby Football Union que, originalmente se chamava apenas Rugby Football, mas mudou sua nomenclatura para se diferenciar do Rugby League que, já em 1895, previa a profissionalização dos atletas.

Na escola de Rugby, por cerca de 200 anos diversos jogos com bola eram praticados pelos estudantes, mas existe um mito fundador do esporte, que conta a história do jovem William Webb Ellis, que frequentou a escola de 1816 a 1825. Segundo relatos de cerca de 50 anos após sua passagem por lá, surgiu a história de que certo dia o estudante estava jogando algo muito parecido com futebol e, graças a sua postura disruptiva e questionadora, simplesmente decidiu segurar a bola com as mãos e atravessou o campo de jogo correndo, sendo ovacionado por todos que ali estavam.

Apesar dessa história ter sido desmentida por pesquisadores no final do século XIX, a taça da Copa do Mundo de Rugby leva o nome da lenda desde sua primeira edição, em 1987 - Webb Ellis.

O esporte chegou ao Brasil no final do século XIX, sendo trazido por Charles Miller, o mesmo que introduziu o futebol no país. Conta-se que ele trazia consigo uma bola de futebol e uma bola de rugby. Foi no São Paulo Athletic Club que a bola oval foi jogada pela primeira vez.

Durante quase todo século XX surgiram clubes espalhados principalmente na região sudeste, sendo que o esporte seguiu sendo praticado em grande parte por estrangeiros e por uma parcela das classes mais abastadas da sociedade brasileira, enquanto o futebol se popularizou rapidamente. Em 1964 os clubes brasileiros, que até então existiam somente no Rio de Janeiro e em São Paulo, se juntaram para formar a União de Rugby do Brasil (URB) e organizar a prática do esporte. Logo após a criação da URB surgiu o primeiro Campeonato Brasileiro de Rugby, formado apenas com times cariocas e paulistas.

No ano de 1970 a URB foi substituída pela Associação Brasileira de Rugby (ABR), isso ainda numa realidade de pouca difusão do esporte. A

entidade então se associou ao Conselho Nacional de Desportos, o que permitiu pleitear o uso de dinheiro público para o desenvolvimento do rugby. Em 1995 a ABR ainda se filiou à entidade máxima do rugby mundial, hoje conhecida como World Rugby². Em 2010 a ABR se transformou em Confederação Brasileira de Rugby (CBRu), que desde 2013 é gerida por um Conselho de Administração formado por empresários de diversos segmentos.

Apesar de ser um esporte centenário no país, o rugby não se popularizou, estando até hoje fora de jogos esportivos escolares na grande maioria das cidades e estados brasileiros. Além disso, o esporte não viu, até hoje, um estilo de jogo brasileiro se desenvolver, tanto pela elitização do esporte durante muitas décadas, quanto pelas estratégias de desenvolvimento conduzidas pela CBRu no século XXI. Enquanto a maior parte dos investimentos previstos eram destinados a pequenos grupos de atletas de alto rendimento e aos membros do corpo técnico das seleções, que em determinados momentos eram oriundos da Nova Zelândia e, mais recentemente, da Argentina; os clubes ficaram sempre lutando sozinhos para conseguir se manter, tendo que correr atrás de jogadores, campo, treinadores, num país que oferece grandes dificuldades para que qualquer esporte que não seja futebol consiga se desenvolver.

Alguns anos atrás, pouco antes de começar a pandemia, houve a saída dos membros estrangeiros, e atualmente tem-se uma gestão brasileira, tanto administrativa quanto técnica, dentro da CBRu e que está investindo em estratégias para massificar o esporte. Neste intuito, um dos caminhos escolhidos pela confederação é o investimento em projetos sociais. Com isso, o CAPTAR foi um projeto que surgiu no ano de 2018 mas que, ao final do mesmo ano, foi finalizado, e que tinha por objetivo financiar as categorias de base de clubes do Rio Grande do Sul. Desde 2022 o projeto NINA aparece como um investimento da CBRu para a difusão do rugby pelo Brasil, tendo os clubes como células espalhadas pelos diversos estados, e objetiva aumentar o número de praticantes jovens, principalmente do sexo feminino.

Hoje, no país, temos alguns projetos em atividade que usam o rugby como ferramenta pedagógica. São eles o Aprendendo e Jogando Rugby (São José do Campos/SP), Pró-Vida (Brasília), Rugby Samambaia (Brasília), Rugby

² Entidade máxima do rugby. Para saber mais acesse <https://www.world.rugby/>

Para Todos (São Paulo/SP), Vem Ser Pelotas (Pelotas/RS), Um Rio (Rio de Janeiro/RJ), Vivendo O Rugby (Curitiba/PR), Vem Pro Rugby(SP) e o NINA (nacional).

Na minha leitura, o rugby brasileiro pode estar entrando em uma nova era, onde os cinco valores do esporte - Respeito, Disciplina, Integridade, Solidariedade e Paixão - encontram um ambiente cultural novo na medida em que o esporte passa a se popularizar e receber uma nova roupagem, condizente com demandas sociais contemporâneas e, acima disso, surge a possibilidade de, finalmente, emergir um rugby com a cara do Brasil.

Nessa esteira, considerando como recente esta nova roupagem do Rugby em caráter nacional, parto para uma contextualização de como os projetos sociais passam a compor papéis no cenário esportivo, a luz de autores contemporâneos que são referência nos estudos sobre análise social, crítica e metodológica do surgimento, implementação e permanência de projetos sociais no Brasil.

5. CONTEXTUALIZANDO: Projetos sociais e esportes coletivos

Os projetos sociais aparecem cada vez mais como alternativas, principalmente para as populações em situação de vulnerabilidade social, para ocupação do tempo ocioso dos jovens (MELO, 2008; CORREIA, 2008; MACHADO, GALATTI e PAES, 2012) e também para auxiliar na construção da cidadania e formação integral dos sujeitos. Segundo Melo (2008), os projetos sociais cresceram em número no Brasil a partir do século XXI, sendo que apresentam algumas características semelhantes entre eles:

- a) apresentam-se como alternativas de promoção de inclusão social, tendo em vista o quadro de desigualdade que grassa em nosso país;
- b) com isso, adotam o discurso de vinculação com a ideia de construção de cidadania, ainda que muitas vezes tratam do conceito de forma genérica e imprecisa;
- c) Normalmente são iniciativas organizadas para ocupação do tempo livre dos frequentadores, ainda que alguns tenham algum grau de relacionamento com a escola[...]. (MELO, 2008, p. 02).

Correia (2008, p. 97) define projeto como um conjunto de atividades concretas, coordenadas e inter-relacionadas com orientações específicas e objetivas para a solução dos problemas, e elenca suas principais características: “duração determinada; a utilização de recursos técnicos, financeiros e materiais; e alcançar os resultados previstos em sua concepção.”

Nesse sentido, verifica-se que os projetos apresentam uma alta expectativa de impacto na vida das pessoas, tanto nos seus hábitos e modos de agir durante as aulas quanto nas outras esferas da vida, já que eles objetivam e estão conectados com a ideia de auxiliar na construção da cidadania dos jovens participantes, através da construção de valores positivos e que possam ser carregados por toda sua vida.

Não obstante, podemos considerar que os valores morais presentes em determinado tempo e lugar podem ser ‘positivos’ ou ‘negativos’ levando-se em conta como eles são representados em cada contexto cultural. Isso nos leva a outro debate que é a ideia, presente em muitos projetos sociais, de transmissão de valores aprendidos através do esporte para outras esferas da vida dos jovens que aderirem e permanecerem nos projetos. Stigger e Thomassim (2013) argumentam que os objetivos dos projetos sociais esportivos giram não somente em torno da expectativa de ensinar valores, mas que estes sejam incorporados na construção de práticas, condutas e hábitos dessas pessoas em outras esferas da vida, garantindo a transferibilidade destes aprendizados.

No entanto, o autor alerta para os problemas de se colocar os jovens apenas como meros receptores de ações de “transmissão” de valores morais e de socialização, já que eles também devem ser considerados protagonistas nas relações de aprendizagem. Ainda segundo Stigger e Thomassim:

[...]referir-se ao esporte como “meio” de socialização de crianças e jovens não indica por si só quais conteúdos estão em jogo nesta socialização e menos ainda quais “resultados” podem ocorrer, pois tal processo se dá sempre através da interação ativa do sujeito com outros sujeitos, seus valores e suas práticas.

Simplificar o processo de socialização significa não apenas ignorar que são as relações que socializam, mas é também ignorar, nos projetos sociais, as diferentes formas de apropriação que as crianças e jovens fazem destas propostas[...](STIGGER e THOMASSIM, 2013, p. 22 e 23)

Mas, ainda que haja a intenção, entre os profissionais que atuam nos projetos sociais (e aqui preocupa-nos mais a atuação de profissionais de Educação Física, que são geralmente a maioria dos envolvidos em projetos esportivos) de conduzir os encontros com uma perspectiva emancipatória, de valorização das diferenças culturais e empoderamento crítico, ainda assim faz-se necessária uma boa gestão social desses projetos, de forma que, sem atentar para esse aspecto, muitos podem ser ineficientes e ineficazes.

Para Correia (2008), enquanto no setor empresarial já se consolidaram técnicas de gestão e avaliação, na gestão social de projetos ainda falta uma estrutura robusta tanto teórica quanto prática que garanta os resultados almejados. Além disso, a autora também traz uma reflexão sobre o conceito de “grupos em situação de vulnerabilidade social” que, por mais que tenha surgido com intuito positivo, de dar voz a comunidades excluídas e invisibilizadas, pode acabar sendo utilizado para naturalizar uma situação de falta de direitos e de problemas sociais, tais como a desigualdade na distribuição de renda que verificamos no Brasil.

Outro ponto é o caráter assistencialista e clientelista muitas vezes adotado pelos projetos sociais, cuja oferta assume características de “benesse” aos participantes, quando de fato são deveres do Estado e direitos das crianças e jovens. Conforme a autora, os objetivos de um projeto social deveria mirar “o compromisso com a transformação da postura política desses grupos ditos ‘vulneráveis’, isto é, tirá-los da condição de carentes para colocá-los na de exigentes e agentes.” (CORREIA, 2008, p.95)

Um dos segredos para uma boa elaboração e condução de um projeto social, segundo Melo (2008), é a postura de mediação que os coordenadores e professores dos projetos precisam assumir, considerando um estudo prévio das demandas locais e expectativas da população alvo para que ocorra uma construção coletiva que estabeleça articulação entre as demandas e os objetivos dos projetos e entender que o projeto não é nem aquilo que os proponentes esperam, nem aquilo que a comunidade deseja, mas sim algo entre os dois, uma construção que se adapta, isto é, “procurar pensar os projetos não **para** os cidadãos e sim **em conjunto** com eles.” (MELO, 2008, p. 20 - grifos do autor)

O autor também pede atenção para a prática dos professores dentro dos projetos sociais, que deve se pautar na busca pela superação de problemas sociais e na busca por sujeitos mais conscientes e críticos.

[...]se temos a possibilidade de promover intervenções em determinadas comunidades/públicos-alvo, não o devemos fazer como uma prática desinteressada, mas com uma intencionalidade política clara, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. E isso vai passar pela necessidade de contribuir para que os indivíduos se entendam como cidadãos em um sentido amplo e pleno, preocupados não somente com o que os cerca individualmente, mas sim comunitariamente. (MELO, 2008, pg 21)

Portanto, é preciso pensar em uma prática pedagógica que atenda as demandas do público alvo. Araújo (2012), quando faz uma análise de núcleos de Sergipe e Pernambuco do Programa Segundo Tempo (PST)³, projeto criado pelo Ministério do Esporte e que tem nos esportes coletivos sua principal ferramenta, argumenta sobre a importância de se ter uma prática pedagógica dos profissionais da educação envolvidos no projeto que esteja alinhada com os objetivos e a proposta pedagógica do programa. Segundo o autor, o PST inovou na proposição de uma quebra na lógica do ensino dos esportes coletivos no Brasil ao criar o SADE - Sistema de Aprendizagem e Desenvolvimento Esportivo, que dialoga com os aspectos do desenvolvimento humano no ensino dos esportes. Nesta perspectiva, diferentemente dos tradicionais modelos de ensino do esporte, “o SADE avança da esquizofrenia das jogadas ensaiadas e repetições com vistas a um padrão motor ideal, para considerar os aspectos ambientais das práticas esportivas e o valor educacional do jogo.” (ARAÚJO, 2012, p. 42).

O autor supracitado também fala da necessidade de um olhar atento para a constante preparação e formação dos professores, pois se relaciona diretamente com a prática pedagógica.

Há uma relação direta da prática pedagógica com a formação de professores, pois ao se discutir inicialmente a prática pedagógica, ela está associada à formação continuada, que

³ Para saber mais: <https://www.gov.br/esporte/pt-br/acoes-e-programas/programa-segundo-tempo-pst>

por sua vez, apresenta-se como subsídio fundamental para que os professores reflitam sobre suas práticas buscando alternativas para transformá-las e construir, assim, novas práticas. (ARAÚJO, 2012, pg. 54)

A preparação do treinador tem vital importância para os resultados que se deseja alcançar no desenvolvimento de jovens, principalmente quando se fala de uma formação integral, que leve em conta aspectos psicológicos e sociais, além da evolução das capacidades técnicas e físicas. Resende (2013) alerta para a necessidade do treinador estar atento para que a formação de jovens atletas esteja direcionada à introdução de valores positivos e hábitos de vida saudáveis, já que a simples prática esportiva sem o devido alinhamento das práticas pedagógicas não garante essa formação.

Em suma, um treinador deve dotar sua ação (competência) de um conjunto de procedimentos que impliquem a formação holística do atleta, tendo em conta o contexto da sua prática, procedendo à efetiva e contínua reflexão sobre sua ação. Deve ainda procurar desenvolver nos atletas autonomia para a tomada de decisão, tornando-os corresponsáveis pela globalidade do processo desportivo. (RESENDE, 2013, pg.369)

Além disso, o autor traz o conceito de Desenvolvimento Positivo de Jovens (DPJ), que seria o engajamento em comportamentos sociais considerados positivos e a diminuição de hábitos prejudiciais à saúde e futuros comportamentos negativos para si e para a coletividade. O modelo 5C's foi elaborado por Lerner et al. (2005) e descreve o DPJ como o culminar de alguns comportamentos saudáveis, são eles Competência, Confiança, Conexão, Caráter e Carinho/Compaixão. Segundo o autor, competência representa uma visão positiva das ações de alguém em áreas específicas, incluindo áreas sociais, acadêmicas, cognitivas e vocacionais. A confiança é um sentido interno de auto-estima e auto-eficácia positiva. Conexão refere-se a vínculos positivos com pessoas e instituições. O caráter reflete o respeito de um indivíduo pelas regras sociais e culturais. Finalmente, carinho/compaixão abrange o sentimento de simpatia e empatia de uma pessoa pelos outros. Portanto o DPJ seria como uma combinação linear dos 5Cs, onde quanto mais atento estiver o treinador a esses fatores, mais resultados trará para o DPJ.

Esperança et al.(2013) ajudam a entender o que é o movimento DPJ e como este pode ser definido, avaliado e onde está sendo aplicado. Sobre as diferenças com os métodos tradicionais de práticas docentes e treinamento, os autores escrevem o seguinte:

Decorre, portanto, que, contrariando a clássica abordagem baseada no paradigma de que as intervenções dirigidas aos jovens se devem centrar nas suas incapacidades implícitas ou explícitas e tentar corrigi-las, a nova perspectiva de que se reveste o DPJ aponta para o desenvolvimento do potencial dos jovens através de intervenções específicas que não visem apenas a prevenção e eliminação de comportamentos de risco mas que essencialmente promovam o desenvolvimento de comportamentos saudáveis ou de sucesso que a literatura define como “5C”. (ESPERANÇA et al., 2013, pg. 483)

Os autores também atentam para o entendimento de que o esporte é a ferramenta certa e o melhor espaço para o desenvolvimento da DPJ, justamente pelas características inerentes ao esporte, o funcionamento em equipe, o sentimento de pertencimento e a própria prática do jogo. Eles apontam que a prática esportiva pode inclusive ajudar e contribuir para a construção da personalidade dos jovens.

As modalidades esportivas coletivas carregam, pelo seu próprio modo de funcionamento, a capacidade de gerar certos aprendizados e exigem também algumas capacidades dos praticantes, que se dividem sempre em duas equipes opostas, que buscam defender um alvo e atacar o alvo adversário, normalmente com o uso de uma bola. É exigido dos jogadores uma alta capacidade de comunicação, cooperação e inteligência para lidar com as muitas situações problema que a dinâmica com companheiros e adversários fará surgir. Os jogadores precisam atender a três princípios defensivos (proteger o alvo, impedir a progressão do adversário e recuperar a bola) e três ofensivos (manter a bola, aproximar-se do alvo, conquistar o alvo) e, para tal, estabelecem estratégias e tomam decisões durante toda duração da partida com o objetivo de vencer o jogo. (GARGANTA, 1995; DAOLIO, 2002; MACHADO, GALATTI e PAES, 2012)

Entendendo que os projetos socioeducativos e esportivos visam, dentre outros aspectos, a formação integral de seus praticantes, bem como formar o cidadão que vai reproduzir,

transformar e ressignificar práticas esportivas e sociais, na busca de uma sociedade melhor, é que devemos compreender quais os conteúdos devam ser estudados junto aos alunos, para, a partir de então, pensarmos acerca dos procedimentos pedagógicos adequados para a aplicação de tais conteúdos. (MACHADO, GALATTI e PAES, 2012, pg. 167)

A partir desse entendimento, Galatti et al.(2008) buscam dar subsídios para professores e treinadores que desejam trabalhar com o esporte pela via da formação integral de jovens praticantes, através da busca do significado educacional do esporte tendo em vista os projetos sociais e a formação cidadã através do esporte, transformando-o em objeto de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento. Os autores se propõem a discutir a iniciação esportiva de crianças e jovens. Para eles, “iniciar uma criança no esporte significa adequar o esporte à criança e não a criança ao esporte, elaborando sequências didáticas e selecionando estratégias e procedimentos pedagógicos tendo como critério as necessidades da infância.” (GALATTI, 2008, pg. 402)

Galatti et al. (2008) destacam e apresentam quatro dos procedimentos pedagógicos discutidos por FERREIRA (2004) que podem facilitar e contribuir para a melhora do ambiente de trabalho de professores que atuam na iniciação esportiva.

1. Propiciar momentos de diálogo e reflexão;
2. Tornar o meio esportivo um facilitador de relações interpessoais;
3. Aplicar o jogo como elemento central em todo processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento;
4. Participação permanente em atividades competitivas não-formais.

Machado, Galatti e Paes (2012) apresentam três referenciais da pedagogia do esporte: o referencial técnico-tático, que diz respeito à sistematização pedagógica para a vivência e prática; referencial sócio-educativo, que se refere ao trato com valores e modos de comportamento no processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento esportivo; e o referencial histórico-cultural, que mostra o esporte enquanto elemento cultural e social. Sobre o referencial sócio-educativo, que se relaciona ao ensino de valores, à formação para a vida, os autores ainda destacam que

[...] o esporte não se caracteriza apenas por sua prática, vivência motora. Mas, agregado a estas ações, estão os valores e modos de comportamento presentes nas modalidades coletivas principalmente pela necessidade do outro – companheiros de equipe – como pelo respeito – aos companheiros, regras e adversários. Portanto, tais atitudes devem sair do currículo oculto e fazer parte do planejamento do professor. (MACHADO, GALATTI, PAES, 2012, pg. 172)

Como observamos, os projetos sociais e a pedagogia do esporte, principalmente que trata sobre iniciação de crianças e jovens em esportes coletivos, tem mostrado preocupação com a formação do sujeito que joga, não apenas como jogador que tem habilidades e capacidade cognitiva para fazer bom uso dessas habilidades em campo, mas alguém que também está inserido em um contexto social (STIGGER, 2013) e que pode ter, através do esporte, a possibilidade de uma formação integral. Ou seja, permite ao jovem incorporar, através do esporte, valores positivos e que podem contribuir para sua formação cidadã, crítica e emancipatória.

À luz dessa discussão é que partimos para a apresentação e análise, nos próximos capítulos, dos três projetos sociais a que me dispus investigar: CAPTAR, VOR E NINA.

6. OS PROJETOS SOCIAIS: CAPTAR, VOR E NINA

Projeto Social é um empreendimento planejado que consiste em um conjunto de atividades inter-relacionadas e coordenadas para alcançar objetivos específicos dentro dos limites de um orçamento e de um período de tempo dados (ONU). Seu objetivo é transformar uma parcela da realidade, diminuindo ou eliminando um déficit, ou solucionando um problema social. (BELO HORIZONTE, 2007, p. 87).

6.1. CAPTAR

Neste capítulo vou analisar e apresentar o Projeto Captar utilizando alguns documentos da época em que fui um dos treinadores, além de notícias e também uma entrevista com o Felipe Aguilar, com quem dividi bons momentos fazendo a captação de jovens e ministrando as aulas do projeto.

O Captar foi desenvolvido pelo então gerente da Federação Gaúcha de Rugby, Lucas Toniazzo, e levado até a CBRu, que aprovou a liberação de

verba para o andamento do projeto. A partir daí os clubes impactados, entre eles o Charrua, foram atrás de recursos humanos para fazer o projeto funcionar e atender aos seus objetivos que são descritos no documento do projeto, na Apresentação do Projeto Captar:

- Potencializar o processo de captação e retenção de praticantes nos Clubes que já possuem histórico de fomento da Base.
- Qualificação de pessoa e processo no fomento do Rugby na base dos Clubes com contratação de uma pessoa com histórico de Rugby
- Aproximação e atuação com Escolas buscando a faixa etária de 13 a 19 anos.
- Implantação de escolinhas de contraturno nos Clubes.
- Participação em atividades locais, regionais e estaduais. (Apresentação Projeto Captar, 2018, pg. 03)

Segundo o Termo de comprometimento do Charrua com a execução do projeto, o objetivo com o Captar era “aumentar o número de praticantes nas categorias inferiores do Clube, atuando em parcerias com Escolas e a criação de atividades de base para atendimentos às crianças e adolescentes”. (Termo Captar Charrua, 2018, pg. 02)

O primeiro desafio com o qual nos deparamos foi o de encontrar jovens dispostos a praticar o esporte que tanto amamos. Para resolver isso, planejamos um treino de apresentação do rugby em escolas, quase exclusivamente para alunos da rede pública, nos anos finais do ensino fundamental e nos três anos do ensino médio. A ideia do projeto era que o esporte fosse apresentado ao maior número de crianças e jovens, para depois eles começassem a participar dos treinos oferecidos no contraturno escolar. Estes treinamentos eram oferecidos em dois núcleos, um na Sociedade Hípica Porto Alegrense (HCPA) na zona sul de Porto Alegre, e outro no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, o Julinho, famoso colégio da capital gaúcha, localizado na região central da cidade.

Nosso método consistia em mapear as escolas próximas do campo de treino, oferecer oficinas e divulgar um dia marcado para iniciar os treinos no contraturno da escola, onde as crianças e jovens recebiam treinamento no campo do Charrua ou então no campo do Julinho.

A metodologia que decidimos utilizar nas sessões de treinamento dava conta de incentivar o aprendizado através de um grande número de tomadas

de decisões, tanto dentro de campo através do uso de habilidades técnicas, quanto nos espaços extra-campo, garantindo um rodízio na posição de capitão. A título de exemplificação, esta estratégia visava proporcionar aos jovens atletas empoderamento em situações de pressão, tanto em relação ao uso da técnica quanto aos aspectos de liderança e habilidades sociais, além de capacidade de analisar o jogo e de usar com inteligência as ferramentas que construímos nos treinamentos. Sobre a metodologia adotada dentro dos treinos, Fellipe Aguilar - Coordenador Captar relatou na sua entrevista que foram desenhadas aulas sem uma orientação da CBRu ou da FGR, mas sim:

[...] conforme o método que a gente criou. E a nossa prática foi, basicamente, guiando o projeto. A gente não se abraçou em nenhum método pré pronto. Testamos várias formas de práticas, voltada para jogos, voltada para a prática randômica de habilidades, e fomos lidando com o cenário, com o contexto que a gente tinha em cada momento. E basicamente foi isso. Não teve um método apresentado pela confederação (CBRu). A gente foi guiando a nossa prática através da avaliação rotineira dela própria. (Fellipe Aguilar- Coordenador Captar)

Dentro dessa perspectiva, adotamos o jogo como estratégia presente em quase todas as sessões de treino, na forma de mini-jogos, jogos adaptados, jogos condicionados ou o jogo em si, de forma a garantir sempre trabalhar algo relacionado ao rugby. Segundo Paes, Galatti & Machado (2012), “torna-se imprescindível um processo de ensino, vivência e aprendizagem pautado no jogo, proporcionando ao aluno a aprendizagem da técnica aliada à tática – o que fazer aliada ao como e quando fazer.”

Além deste elemento metodológico, outro aspecto são os valores do Rugby, que sempre foram pauta nas aulas do projeto, pois é algo que está presente nos cursos da CBRu e da World Rugby e também nas experiências de quem pratica o Rugby, porquanto nossa intenção era desenvolver os jovens desportivamente mas também de acordo com os valores do esporte, proporcionando autonomia, e tendo como meta uma carreira de longo prazo, com ênfase na manutenção de uma vida saudável. (RESENDE, 2013)

Para a elaboração das unidades didáticas nós utilizamos inicialmente os cinco valores do rugby: integridade, respeito, disciplina, solidariedade e paixão e, a partir daí, elaboramos as partes técnicas ou táticas do treino. Nosso

objetivo era garantir não apenas que os meninos e meninas do projeto aprendessem o Rugby e desenvolvessem habilidades especializadas, mas que melhorassem o desempenho em campo considerando aspectos sociais e individuais que podem ser ampliados para a vida destes praticantes nos contextos de vida deles, quais sejam a família, a escola e a comunidade.

Em relação à formação dos professores do projeto, a FGR exigia a realização de alguns cursos por parte dos treinadores envolvidos com a proposta, como os cursos de Coaching Nível 1 e Nível 2. Mas não disponibilizaram nem exigiram formação continuada durante a execução do projeto.

O Captar funcionou durante o primeiro ano, com festivais sendo realizados em Bento Gonçalves, Guaíba e Porto Alegre. Ao final do ano o projeto foi abandonado pela FGR e pela CBRu e deixou de existir.

6.2. VOR



“A gente queria que o pessoal vivesse o Rugby, entendeu? De A a Z.”

Leca Jentsch

Neste capítulo busco apresentar e analisar, brevemente, um dos projetos mais longevos do rugby no Brasil, o Vivendo O Rugby (VOR), de Curitiba/PR. Para isso utilizamos alguns materiais disponibilizados por Leca Jentsch, que foi uma das idealizadoras do projeto e coordenadora por muitos anos, e que hoje faz parte do conselho de gestão. Ela também nos concedeu uma entrevista que trouxe mais informações sobre o VOR.

Leca é formada em Educação Física e tem especialização em técnicas e métodos de ensino e, atualmente, faz mestrado na área de esporte e saúde.

Segundo seu relato, foi atleta de rendimento do basquete e também do triathlon, além de ter jogado rugby durante alguns anos. Mas, apesar de treinar para o rendimento, seu interesse maior era pelas possibilidades educativas do esporte. E foi a partir desse interesse e da paixão que surgiu pelo rugby que a Leca começou a desenvolver o VOR, mas com uma dificuldade, pois não havia, segundo ela, no ano de 2006, nenhum material no Brasil sobre a prática escolar do rugby.

Então, fui pesquisar o que estava sendo feito dentro do rugby infantil pelo mundo. E depois das minhas pesquisas da escola inglesa, a holandesa, a francesa, a escola portuguesa, né, do rugby, eu concluí que aquilo que eles faziam não seria possível replicar aqui na nossa cultura brasileira, porque nós estávamos um passo atrás daquilo ainda, a gente tinha que primeiro disseminar o rugby para as escolas e as pessoas entenderem o que era o rugby, não é? Diferente do futebol, por exemplo. (Leca Jentsch - Coordenadora do VOR)

Desde 2006 o VOR já atendeu mais de 10.000 crianças e jovens e, atualmente, atende cerca de 600 ao ano entre aulas nas escolas, treinos no clube, encontros e festivais esportivos. Além disso, recebeu o prêmio Espírito do Rugby, concedido pela International Rugby Board (IRB), antiga World Rugby, no ano de 2014. Foi o primeiro prêmio internacional que o rugby brasileiro recebeu.

Leca teve como desafio inicial desmistificar o esporte, que ela relatou ser muitas vezes relacionado à uma prática violenta e truculenta. Para superar essa dificuldade, ela pensou em uma metodologia que se adequasse ao ambiente escolar, que fosse de fácil entendimento para os professores escolares e tivesse aplicabilidade.

Os objetivos do VOR, na sua concepção, eram de disseminar o rugby nas escolas públicas da região e atender crianças em situação de vulnerabilidade social podendo, assim, levar os ensinamentos do rugby e

exercer [...] os valores que o nosso esporte preconiza primeiramente, e também o desenvolvimento físico, motor e cognitivo que ele proporciona para as crianças. (Leca Jentsch - Coordenadora do VOR)

Segundo Resende (2013):

[...] em suma, considera-se que o objetivo central em treinar os jovens, será desenvolvê-los desportivamente, de acordo com os valores inerentes ao desporto, proporcionando-lhes autonomia e tendo como meta a construção de uma carreira atlética a longo prazo, com ênfase, posteriormente, na manutenção de uma vida saudável. (RESENDE, 2013, p. 363)

A metodologia do projeto foi desenvolvida então de forma a contemplar essa necessidade de levar o rugby para dentro da escola. No seguinte trecho da entrevista, Leca fala sobre a aproximação com as escolas ser um dos segredos do VOR ter apresentado êxito ao longo de tantos anos.

E o grande segredo da nossa metodologia, foi que os professores de educação física das escolas, eles tinham muita preocupação em passar um esporte o qual eles não tinham conhecimento. Então, dentro do método do VOR também nós temos o treinamento para os professores das escolas. Então primeiro foi feito um trabalho de apresentação do esporte para os professores, de como ensinar, de quais as valências, da questão dos princípios, e acho que isso foi o grande segredo, não é, de dar certo, todo esse processo do VOR. (Leca Jentzsch - Coordenadora do VOR)

Segundo a Coordenadora do VOR, a formação dos professores que vão atuar nas escolas é tão importante quanto a dos professores e treinadores que atuam diretamente com as crianças no VOR. Resende (2013) e Araújo (2012) falam sobre a formação de professores e treinadores e como este tema deve ter atenção, já que eles vão estar atuando diretamente com os sujeitos impactados com o projeto e a sua formação tem relação direta com a prática pedagógica pois “ela está associada à formação continuada, que por sua vez, apresenta-se como subsídio fundamental para que os professores reflitam sobre suas práticas.” (ARAÚJO, 2012, pg. 54)

É então que aparece a segunda dificuldade pela qual passou o projeto, conforme relatou a Coordenadora do VOR, que foi a falta de pessoas preparadas para assumir como professores. A criadora do VOR percebeu que:

[...] os professores das escolas não tinham conhecimento sobre o rugby e eu tinha atletas lá que eram voluntários, que

ajudavam com as crianças, mas que não eram professores. [...] o rugby eles sabiam, faltava aprender as metodologias. (Leca Jentzsch - Coordenadora do VOR)

Para solucionar essa questão, o Curitiba Rugby fez uma parceria com a UniAndrade, universidade da região, para que então atletas e ex-alunos do projeto pudessem se preparar profissionalmente e, também, trabalhar no VOR.

Especificamente sobre os procedimentos metodológicos do projeto, destaco o seguinte trecho da entrevista:

Eu acho que o aprendizado ele não acontece se não houver diversão e o êxito. Então a criança, ela tem que receber os estímulos e ela tem que se divertir. E tem que ter êxito. Ela tem que aprender, mas ela tem que ter êxito durante a sua prática. Então a nossa metodologia foi muito voltada para isso, trazer o rugby, todas as suas valências, os seus princípios e tornar ele possível para que a criança possa exercitar. Então, dentro do VOR nós temos 3 níveis de aprendizado que a gente chama, né, que é o R1, o R2 e o R3. No R1, é adaptação ao esporte. Onde os alunos, as crianças vão ter o primeiro contato com o esporte com a bola, com a cultura do esporte. No R2 já entra a parte do aprendizado e desenvolvimento. Eu vou aprender mais os fundamentos, a parte lúdica, são mini jogos... E daí tem o R3, que aí é desenvolvimento e treinamento. Então a criança já passou pelo 1 e pelo 2, aí no R3 ela tá mais dentro do desenvolvimento e do treinamento e é nessa fase do R3 ali, sempre por volta dos 13, 14, 15 anos, que a criança pode, aí sim ir para a escolinha, digamos, esportiva, do clube. Então ela já passou por toda aquela fase de desenvolvimento. Aprendeu, entendeu, assimilou o esporte. Daí sim, ela vai pro esporte mais de treinamento. (Leca Jentzsch - Coordenadora do VOR)

Durante a entrevista, mais de uma vez, Leca falou sobre trabalhar os valores do rugby, como eles eram importantes, e sobre a missão do projeto em oportunizar que as crianças e jovens aprendam o rugby sob a perspectiva desses valores, mas se ateve mais fortemente às questões ligadas ao referencial técnico-tático do projeto. Isso também se evidencia em um material de apresentação⁴ do VOR que nos foi disponibilizado, onde quatro instrumentos avaliativos aparecem como demonstração e todos os itens avaliados são do referencial técnico-tático. Apesar disso, nessa apresentação

⁴ Documento enviado pela entrevistada, acesso restrito ao pesquisador.

observamos que existem três referências aos valores do rugby, na justificativa do projeto, na missão e no conteúdo da metodologia.

MISSÃO

Ensinar o rugby, seus valores e suas técnicas para alunos da rede pública de Curitiba e região metropolitana. (Apresentação do VOR, 2020)

O VOR também oportuniza a continuidade do jovem no rugby após o fim da sua passagem pelo projeto. Após os 14, 15 anos, a criança passa para o projeto Rugby Para Sempre, onde vai focar no desenvolvimento do jogo mesmo, de forma mais especializada até se tornar adulto e, caso se destaque e queira seguir jogando pelo Curitiba Rugby após os 18 anos, pode receber uma bolsa de 100%, garantida pelo projeto, em cursos como Educação Física e Fisioterapia, enquanto joga pelo clube.

Nesta direção, a atual coordenadora do VOR, é uma ex-atleta do Curitiba e que participou de todo o processo de implementação do VOR e que hoje trabalha de forma articulada com a Leca, que é uma de suas conselheiras. Posição de conselheira essa que ela pode ocupar já que, nas suas palavras, agora o projeto “anda pelas próprias pernas”. (Leca Jentzsch - Coordenadora do VOR)

6.3. NINA



Este capítulo busca apresentar e analisar, ainda que de forma breve, o Projeto Nina, baseando-se, para isso, nos materiais reunidos tais como relatórios, apresentações, notícias e também na entrevista com a responsável pedagógica pelo projeto Nina em Porto Alegre, Maria Roberta Gondim, que foi jogadora do Charrua Rugby durante muitos anos, tendo conquistado muitos títulos gaúchos e detém um histórico significativo de convocações para a seleção brasileira de rugby. Como treinadora do time feminino do Charrua conquistou o Campeonato Brasileiro de rugby feminino em 2014 além do título gaúcho. Maria Roberta (ou Beta, como é conhecida no clube) é formada em Educação Física e já realizou

cursos organizados pela CBRu, como o curso de Coaching, que prepara treinadores para utilizarem metodologias da World Rugby.

As idealizadoras do Projeto Nina escolheram esse nome por ser um nome comum no Brasil, de fácil pronúncia, é diminutivo de alguns nomes italianos, na língua indígena Quíchua significa fogo, em espanhol quer dizer “menina”, além de remeter ao universo feminino e a uma ideia de diversidade, característica do rugby brasileiro, segundo o relatório de um ano do projeto.

Os objetivos do projeto também estão conectados ao universo feminino e buscam resolver “uma lacuna no desenvolvimento de categorias de base femininas” (Beta - Coordenadora NINA). Segundo uma apresentação do Projeto Nina disponibilizada pela Beta, o objetivo geral é o empoderamento feminino através do esporte onde a ideia é “fomentar e engajar dentro da comunidade do Rugby brasileiro a construção de um espaço seguro para a prática e o desenvolvimento global de meninas de 7 à 18 anos; incentivar o uso pleno da cidadania, o conhecimento e o prazer pelo esporte.”(Apresentação do Projeto Nina, 2022, pg. 07).

O Relatório Final do Nina 1 traz mais um pouco dos objetivos do projeto quando escreve que ele:

[...]veio para trazer o empoderamento e o encorajamento para mulheres de todo o país e mostrar que sim, somos capazes de exercer funções dentro e fora dos campos com toda competência, valores e comprometimento, desde que tenhamos o mesmo preparo e oportunidades que são destinadas ao público masculino. (Relatório Final do Nina 1, 2023, pg. 04)

O projeto começou graças à iniciativa de quatro mulheres do rugby brasileiro, “Leca Jentsch, Maria Mikaella, Valéria Sapienza e Ciana Goicochea”, que viram no esporte em geral e no rugby, especificamente, um predomínio de homens e meninos em detrimento de mulheres e meninas. Visão essa que se confirmou com base em diversos estudos que são mostrados na apresentação do Projeto Nina, segundo os quais as meninas ingressam mais tarde no esporte, muitas sofrem preconceito por praticarem esportes e é uma porcentagem menor de meninas do que de meninos que é ativa esportivamente. Isso pode levar as mulheres a ter um estilo de vida

menos saudável na vida adulta e na velhice, além de evidenciar a falta de uma política pública voltada para as mulheres, para a inclusão feminina no esporte e para o empoderamento das minorias.

Beta relata em sua entrevista que os primeiros desafios que precisou enfrentar foram com relação à dificuldade de levar para dentro do clube as meninas que estavam recebendo as oficinas de rugby na escola. Segundo a Beta, os outros clubes também passaram por essa dificuldade de captação, o que acabou por implicar em um maior investimento do projeto para resolver esse problema em detrimento, por exemplo, de alinhar uma determinada prática pedagógica ou mesmo implementar uma metodologia de ensino do rugby. Em sua entrevista, Beta disse que:

De uma maneira geral, acredito que os clubes todos enfrentaram barreiras com relação a como captar meninas. Então eu acredito que essa primeira fase do projeto Nina acabou se focando muito mais em como a gente vai atingir essas meninas do que metodologicamente como que a gente vai avaliar elas durante o caminho. (Beta - Coordenadora NINA)

Apesar disso, o projeto tem uma metodologia desenvolvida e que é bastante citada tanto no Relatório Final do Nina ⁵ quanto na apresentação do projeto, documentos disponibilizados por uma das coordenadoras do Nina. Na página 03 o Relatório Final traz os seguintes valores, pilares e princípios presentes na metodologia:

Valores do projeto (valores Nina):

- Sororidade - Equidade - Igualdade - Irmandade (somados aos D.R.I.P.S.⁶).

Pilares Norteadores:

1 – Engajamento;

2 – Inspiração;

3 – Oportunidade.

Princípios a serem disseminados:

INCLUSÃO - Incentivar a cultura da menina no Rugby (atletas, treinadoras, gestoras, árbitras, etc).

SEGURANÇA - Garantir um ambiente saudável e seguro para todos os envolvidos, independente de gênero.

PRESERVAÇÃO DOS VALORES - Disseminar os valores Nina aos envolvidos.

⁵ Relatório enviado pela Coordenadora do NINA, acesso restrito ao pesquisador

⁶ Os D.R.I.P.S. são os cinco valores do rugby, Disciplina, Respeito, Integridade, Paixão e Solidariedade.

EMPODERAMENTO - Desenvolver a autonomia das participantes.

APRENDIZAGEM - Diversão/êxito sempre presentes nas atividades (aulas, jogos e treinos).

INCENTIVO – quando se pensar em rugby infantil e juvenil, pensar também em meninas jogando. (Relatório Final Nina 1, 2023, pg. 03)

Segundo alguns autores que discutem os projetos sociais e a prática pedagógica dentro deles, existem alguns objetivos metodológicos presentes nos seus estudos e que aparecem aqui, tais como empoderamento, inclusão e formação cidadã através do esporte. (CORREIA, 2008; MELO, 2008; MACHADO, GALATTI e PAES, 2012)

Beta relatou em sua entrevista sobre as dificuldades em lidar com situações de machismo e de sexualização exagerada das crianças, e de como ela acha que é importante ter uma metodologia de trabalho no projeto que dê força aos valores do rugby. A treinadora ainda relatou que por vezes elabora os treinos tendo os valores como norteadores, como por exemplo

[...] hoje o treino vai ser guiado por esse valor, ou solidariedade, ou como que a gente consegue achar o respeito dentro desse exercício? (Beta - Coordenadora do NINA)

O referencial socioeducativo, conforme Machado, Galatti e Paes, é que diz respeito ao trato com valores e modos de comportamento e, apesar de não aparecer exatamente este termo na entrevista ou nos relatórios do projeto, percebe-se a importância dada a esse aspecto na metodologia adotada. Na apresentação do projeto, os valores seguidos pelo NINA e que foram somados aos D.R.I.P.S. são: sororidade, igualdade/equidade e irmandade. Gostaria de trazer atenção para um dos valores escolhidos, pois a sororidade carrega a ideia de irmandade feminina. É um substantivo feminino e um conceito, em construção, sobre empatia, solidariedade e acolhimento entre mulheres, que as torna mais fortes.

Dessa forma, percebemos que há uma preocupação em ofertar práticas do referencial socioeducativo no Projeto Nina e que o referencial não apenas está bastante presente na construção metodológica do projeto como está conectado com os objetivos que são voltados para o público feminino.

E, apesar do projeto ser pensado por mulheres e para mulheres, ele não é exclusivo para meninas. Os meninos que quiserem também tem espaço no Nina e isso, inclusive, é entendido como algo positivo a nível pedagógico.

O Projeto Nina é voltado para meninas, mas a CBRu entende que não é um problema a gente trabalhar meninas e meninos juntos, inclusive para ajudar e criar um entendimento dos meninos de que as meninas são importantes. (Beta - Coordenadora NINA)

Beta também frisa para os meninos que o projeto foi pensado para meninas e que é por causa delas que eles podem ter aulas de rugby. Nas palavras dela:

Por causa desse projeto criado para meninas, eu tenho a possibilidade de dar aula para todos vocês, então valorizem suas colegas, incentivem as suas colegas a estarem aqui. Convidem as irmãs de vocês. Façam elas se sentirem importantes, porque é por causa delas que a gente tá aqui. E a CBRu acha que é interessante que os meninos estejam juntos para criar essa interdependência[...] E para criar uma conscientização também do lado dos meninos. E vamos lá, né, Gabi, eu tenho 90 meninas e 130 meninos. (Beta - Coordenadora do NINA)

Apesar dos meninos se agarrarem na alça desse projeto para aproveitar e também aprender um pouquinho de rugby, aquelas quatro mulheres extraordinárias elaboraram ele pensando nas meninas e em garantir mais acesso ao esporte para elas, já que o esporte é visto de forma tão positiva. No Relatório Final do projeto lemos que:

A metodologia idealizada e proposta para o Projeto Nina parte do princípio que onde houver rugby, deva haver meninas jogando. Acreditamos que quando uma menina joga ela torna-se fisicamente mais forte, mais saudável e mais consciente de seu corpo; exercita o autocontrole; aumenta sua autoestima; aprende a interpretar e enfrentar as normas socioculturais e os estereótipos de gênero; tem acesso a modelos de referência femininos positivos; prática e incorpora novas habilidades; aprende a agir sobre pressão e a identificar o que é um espaço seguro onde possa se desenvolver e assumir o protagonismo em seu círculo comunitário e fora dele. (Relatório Final Nina 1, 2023, pg. 04)

Acerca do trabalho de formação de professores, o Projeto Nina ofereceu alguns cursos ao final do primeiro ano de projeto para que os professores possam aproveitar as experiências acumuladas durante este primeiro ano de execução do Nina e para buscar adquirir mais conhecimento. Conforme a Beta nos informou, as coordenadoras do projeto organizaram a oferta de vários cursos e atividades de formação para os clubes selecionados e que foram realizados antes de começar o projeto. Os cursos foram de captação e retenção, curso de coaching, curso de liderança, além da participação em um fórum promovido pela World Rugby e capacitações técnicas em temas como papel da professora/treinadora/gestora, linguagem, posturas, comunicação não violenta, olhar individualizado, abuso, assédio ou qualquer tipo de violência contra a mulher, como agir e quais são os canais de denúncia, saúde da mulher (menarca, ciclo menstrual, etc). Observa-se a preocupação da coordenação do projeto em garantir a formação das professoras e o preparo dos clubes participantes em relação aos objetivos do projeto. Segundo Araújo (2012), a práxis pedagógica pode ser realizada

[...] sobretudo e de modo especial, nas atividades educativas desenvolvidas na formação de professores, trabalhadores/as adolescentes, adultos, jovens; que assumam a construção do humano como central. O essencial da práxis formadora de professores é o enriquecimento cultural dos futuros profissionais da escolarização. (ARAÚJO, 2012, pg. 54)

Outro destaque promovido pelo Projeto NINA, diz respeito à intencionalidade na construção de um espaço seguro para as meninas, onde elas se sintam acolhidas e amparadas. A partir dessa ideia, de garantir um espaço seguro em toda aula/encontro, surgiu o Espaço Nina, que percorre o Brasil nos eventos de rugby e tem como um dos objetivos promover a sororidade.

O Espaço Nina Rugby já se tornou tradição nos campeonatos de rugby feminino por se tratar de um ESPAÇO SEGURO que promove a diversidade, a inclusão e o acolhimento através da garantia da segurança física e emocional, incentivando assim a integração entre as atletas e proporcionando um ambiente de convivência saudável e alegre entre adversárias, comissão técnica, arbitragem e comunidade.

[...] (o Espaço Nina) socorre dentro de suas possibilidades pequenos imprevistos que podem causar grandes transtornos para as atletas, evitando assim desgaste físico e emocional já que as meninas não precisam se deslocar para compra de itens que muitas vezes temos à disposição para empréstimo, o que proporciona uma tranquilidade e evita estresse desnecessário. (Beta - Coordenadora do NINA)

O Projeto NINA, segue nesta perspectiva de caráter inclusivo, diverso e plural, num processo de ampliação da prática do Rugby para além das fronteiras do sul do país, e tem percorrido outros estados com a implantação de núcleos de ensino e prática do esporte.

7. DISCUSSÃO

Eu acho que a gente tem que [...] deixar um legado por onde a gente passa, senão não tem muito sentido, pelo menos não vejo sentido.

Leca Jentzsch

O primeiro detalhe que trago ao iniciar a discussão é o fato de que, durante a elaboração deste trabalho, descobri que os cinco valores do rugby (Disciplina, Integridade, Respeito, Paixão e Solidariedade), que eu acreditava serem imemoriais, quase conectados ao início mesmo do esporte, na verdade foram estabelecidos em 2009 pela World Rugby, após debates que começaram em 2007 dentro da *Rugby Football Union*, que é a confederação inglesa de rugby. Isso foi bastante impactante para mim, inclusive porque um dos projetos analisados começou em 2006! Apesar disso, relatos falam sobre os valores serem decorrentes do espírito do rugby que, aí sim, é uma ideia mais antiga, de um jogo que envolve o respeito entre os adversários e pela arbitragem, um senso de *fair play*, a paixão pelo jogo. Nesse sentido, os valores do esporte existem desde muito tempo, e apenas foram “institucionalizados” em 2009.

Temos a compreensão de que os jogos esportivos coletivos (JECs) tem um grande potencial para trabalhar o referencial sócio-educativo, seja ele o esporte que for. Sobre esta afirmação, Galatti diz que

[...] dada a configuração estrutural dos JECs, ressalta-se o potencial dessas modalidades para a vivência de valores e o desenvolvimento de competências importantes para o convívio

em sociedade, como a tolerância, inclusão e respeito.
(GALATTI, 2008, pg. 05)

Ademais, quando se fala em rugby, é quase uma regra que se fale nos seus valores fundamentais. Neste sentido, que reforço qual foi a minha surpresa, em me deparar com o fato de que os valores do rugby, algo tão disseminado pelo mundo todo e quase inerente ao esporte, tenham sido institucionalizados de forma tão recente. De qualquer forma, também é impactante que, mesmo em tão pouco tempo, esses cinco valores tenham se tornado tão importantes no ensino e na prática dessa modalidade.

O que se evidencia justamente no projeto mais antigo que analisei. O VOR, que começou de forma embrionária em 2006 e recebe verba do poder público, pela Lei dos incentivos ao Desporto (Brasil, Lei no. 11.438/ 2006)⁷, desde 2007, e que integra os cinco valores do rugby em todas as publicações que nos foram disponibilizadas. Para complementar, em sua entrevista, Leca diz que além de ensinar habilidades, desenvolver aspectos motores e cognitivos, o VOR foi pensado para ensinar os valores do rugby aos jovens impactados pelo projeto. Provavelmente a difusão dos cinco valores do rugby pela World Rugby se deu de forma tão intensa que eles foram introjetados até mesmo por um projeto social brasileiro que usa o rugby como ferramenta e que havia começado seus trabalhos dois anos antes. Em um dos documentos disponibilizados, a Apresentação da Metodologia VOR, lemos como primeira justificativa para o ensino do rugby no contexto escolar a palavra “Valores”. Na mesma apresentação, mais adiante, na página com o título “Metodologia”, o conteúdo é “História do Rugby, suas técnicas e valores.”

Mas não apenas o VOR, dentre os projetos analisados, apresenta essa preocupação em alicerçar seu trabalho nos cinco valores. Ao lembrar o trabalho no Captar, Fellipe Aguilar comentou sobre os cursos de treinadores que realizamos, no início, e de como fomos orientados no sentido de montar treinos que tivessem os valores do rugby como principais norteadores das estratégias. No Projeto Nina o uso dos valores fica ainda mais evidente, pois não apenas eles são citados na entrevista, em todas as publicações

⁷ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11438compilado.htm

disponibilizadas e nas reportagens que falam sobre o projeto, como existiu também uma preocupação em estabelecer mais quatro valores além dos cinco preconizados pela World Rugby - Sororidade, Equidade/Igualdade e Irmandade - que estão profundamente conectados com os objetivos do projeto de inclusão e empoderamento das mulheres no esporte e através dele. Segundo Ferreira,

[...]os conhecimentos, experiências e valores vivenciados e aprendidos no ambiente esportivo ultrapassam os limites das quadras, campos, piscinas e dos ginásios. Estes são incorporados na vida dos praticantes; estes irão interferir na forma como eles agem e agirão no decorrer de suas vidas.” (FERREIRA, 2009, p. 45)

Estamos analisando as metodologias desses três projetos na direção de identificar a representatividade e significado educacional do Rugby para seus membros e coordenadores e o quanto os cinco valores do rugby impactam na formulação dessas metodologias. Mas é preciso chamar atenção para a necessidade de se estabelecer uma relação com o ambiente cultural e social onde se localizam as práticas dos projetos sociais, para que eles não se tornem meros transmissores de valores e ensinamentos descolados da realidade onde estão inseridos. Alguns autores chamam atenção para esse fator na elaboração das metodologias e dos procedimentos pedagógicos dos projetos. Para Thomassim e Stigger (2013), são as relações sociais de um determinado contexto que dão significados ao esporte e às atividades físicas. Portanto é preciso estar conectado com a realidade social e cultural dos participantes do projeto. Nesse sentido, os autores escrevem sobre o ensino de valores através do esporte que

[...] ao invés de serem entendidas pelas carências e ausências de valores, as populações pobres possam ser compreendidas pela diferença e diversidade dos seus sistemas de valores, erguidos sobre determinadas trajetórias históricas e experiências culturais relativamente próprias aos grupos populares. (STIGGER e THOMASSIM, 2013, pg. 07)

Beta, na sua entrevista, traz justamente a dificuldade de trabalhar com as crianças e jovens do projeto já que elas trazem em suas atitudes e falas algumas situações que não são de fácil abordagem para a professora, e por isso enfatiza a importância de trabalhar em cima dos valores do rugby.

Eles têm uma experiência de vida bem diferente do que eu estava esperando, né? Mesmo nesses anos de visitação às escolas que a gente fez com o Charrua. Acho que ali a gente encontrou um público com uma vivência bem diferenciada. Sexualmente falando, por exemplo, eles são mais sexuais e não importa a idade, todas as brincadeiras são relacionadas. O machismo está presente de uma forma muito mais forte, então, de uma maneira geral, é imprescindível que a gente foque nos valores em todas as aulas, entendeu? (Beta - Coordenadora do NINA)

O Projeto Nina apresenta algumas estratégias metodológicas para atingir seu objetivo de inclusão das mulheres no esporte. Nesse sentido, o Relatório Final do NINA Ano 01 traz algumas propostas de ação aos clubes afiliados, tais como

- Incentivar e desenvolver lideranças femininas;
- Desenvolver metodologia que envolva as necessidades diretamente ligadas às especificidades de gênero (Espaço seguro, saúde da mulher e etc);
- Promover o empoderamento feminino através do esporte;
- Realizar eventos de qualificação e capacitação (festivais, palestras e clínicas) com as participantes do projeto;
- Aumentar a quantidade de meninas de 7a 17 anos;
- Fortalecer a transição de meninas do rugby infantil para o juvenil e do juvenil para o adulto.
- Aproximação e intercâmbio com os clubes, para desenvolvimento conjunto. (Relatório Final NINA Ano 01, 2023)

Também consideramos importante ressaltar dois dos princípios a serem disseminados pelo NINA.

INCLUSÃO - Incentivar a cultura da menina no Rugby (atletas, treinadoras, gestoras, árbitras, etc).

INCENTIVO – quando se pensar em rugby infantil e juvenil, pensar também em meninas jogando. (Relatório Final NINA Ano 01, 2023, pg. 03)

Observa-se um olhar voltado para a cultura esportiva e às mulheres. O projeto NINA espera mudar não apenas o panorama esportivo com o aumento no número de praticantes e possível aumento da qualidade de jogo como consequência. A expectativa é mudar mesmo uma mentalidade excludente e que não insere a mulher e a menina no contexto do esporte da mesma maneira que os homens e os meninos.

Essa diferença nas políticas de gênero é um dos pontos que o Projeto NINA se propõem a combater, pois acreditam que

[...] uma menina desenvolvida dentro de um espaço seguro e com suas necessidades primárias asseguradas, pode além de torna-se uma atleta de ponta, também uma mulher empoderada, uma cidadã de bem e consciente de seu papel na sociedade.(Relatório Final NINA Ano 01, 2023, pg. 03)

Os projetos socioeducativos e esportivos visam a formação integral de seus praticantes, bem como formar o cidadão que vai reproduzir, transformar e ressignificar práticas esportivas e sociais, na busca de uma sociedade melhor. (MACHADO, GALATTI E PAES, 2012) Esse é um dos aspectos presentes no Relatório do Projeto Captar, onde está escrito que “no Charrua faremos um esforço constante na busca por uma formação integral do sujeito, tornando-o consciente de si, dos seus companheiros e do ambiente.” (Relatório Captar, 2018).

O VOR, que acumula 17 anos de história, conseguiu estruturar a continuidade do projeto para os jovens que passam dos 15 anos, com o Projeto Rugby Para Sempre (que recebe os jovens que terminam sua fase no VOR) e também com bolsas de estudos para aqueles que entram na vida adulta. Dessa forma, proporciona uma possibilidade maior de inclusão cidadã e formação para a vida.

O rugby é um esporte onde seus apoiadores se orgulham muito de haver uma prática respeitosa e apegada a valores positivos. Isso abre possibilidades para o trabalho em projetos sociais que prezam pelos valores e princípios do esporte, e eleva o estatuto do rugby como ferramenta valiosa para implementá-los. No Brasil, o presente século tem demonstrado que os projetos sociais têm campo para inserção e permanência devido às desigualdades sócio econômicas que enfrentamos cotidianamente. Eles se multiplicam com objetivos tanto educacionais de formação quanto de ocupação do tempo ocioso de jovens, principalmente quando em situação de vulnerabilidade social (CORREIA, 2008; MELLO, 2016). Assim, os projetos sociais que têm como público alvo crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, tendem a suceder se tiverem propostas consolidadas.

E após a discussão realizada, de todos pontos levantados, pode-se dizer que os projetos sociais analisados apresentam aproximações com os cinco valores do rugby, não de forma semelhante e linear, mas fica evidente que as metodologias e propostas pedagógicas estão alicerçadas pelos cinco valores do Rugby. Destaca-se que os valores do rugby são citados em diversas partes dos três projetos, seja nas entrevistas dos professores e idealizadores, seja nos relatórios e outros documentos dos projetos aos quais tivemos acesso. A todo momento são feitas referências aos valores e é constante a afirmação de que o trabalho é balizado pelos mesmos.

A prática pedagógica deve compreender os problemas do jogo e do seu ensino, deve modificá-los, mas precisa ir além deles. Precisa encontrar meios de construir valores a partir de sua ação. A prática pedagógica precisa comprometer-se com este propósito. (FERREIRA, 2009, p. 51)

Assim, reiteramos a importância de projetos que fundamentam a prática pedagógica por meio de metodologias que consideram o avanço tanto da ciência como da valorização dos profissionais que atuam no contexto da formação através do esporte. Sem desconsiderar a parte do jogo em si, que também se objetiva treinar e desenvolver, mas sem pressão competitiva desnecessária ou especialização precoce.

8. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Um campinho em um bairro afastado, dois times aguardando a partida, uma criançada de pé descalço e sem camisa correndo de um lado pro outro, se esforçando para passar pela defesa, tudo isso sem perder a atenção da bola... OVAL! Essa descrição poderia ser de uma pelada de futebol acontecendo em um final de semana qualquer, eu sei. Mas também poderia ser a descrição de uma partidinha de rugby para descontrair, entre os amigos do bairro.

Desde que comecei a prática do rugby, mas principalmente após me tornar treinador, vislumbrei a capacidade desse esporte em se tornar popular

no Brasil, devido às suas características e pelas poucas exigências materiais para que se jogue. Basta um campinho, um espaço aberto, pequenas adaptações nas regras caso necessário e pronto! É só correr para o try!

Nosso objetivo com esse trabalho foi verificar as aproximações e distanciamentos das metodologias de três projetos de rugby em relação aos cinco valores fundamentais deste esporte. Tivemos a surpresa de descobrir que estes cinco valores foram institucionalizados apenas em 2009, apesar do rugby ter surgido no início do século XIX e de haver referências mais antigas ao espírito do rugby e ao fato deste ser um esporte de valores.

Independente disso, os projetos analisados (CAPTAR, VOR e NINA) deixam evidente na elaboração da proposta, de suas metodologias e da valorização dos professores e profissionais que atuam nos projetos, a importância dos cinco valores. Os projetos VOR e NINA ainda mais do que o CAPTAR, mas provavelmente pelo breve período de tempo no qual este funcionou, e não pela qualidade da proposta.

Aos idealizadores de projetos sociais, sugerimos atentar para a necessidade destes operarem para além da simples oferta de ocupação do tempo ocioso dos jovens ou de ensinar o esporte através de rendimento técnico. Podemos afirmar, a partir dos depoimentos dos coordenadores dos projetos aqui apresentados, que para estes três projetos, existe a preocupação em ofertar um trabalho voltado para a formação cidadã dos sujeitos impactados, fornecendo experiências que ajudem a desenvolver um pensamento crítico, autônomo e empoderado, ajudando, desta forma, a construir uma sociedade mais justa e democrática.

Nesse cenário, entendemos que o rugby pode ser uma excelente ferramenta para aplicar práticas pedagógicas do referencial sócio-educativo, já que a aura que envolve o rugby se torna mais um facilitador dentro desse processo.

Este trabalho ainda poderia evoluir no sentido de acompanhar *in loco* alguns encontros dos projetos, o que certamente seria positivo para colher dados sobre a ação dos professores no dia-a-dia e para verificar em que medida as metodologias e os valores preconizados se aplicam na prática.

Para finalizar, é preciso ser dito o quanto frustra aqueles que amam o esporte ver a falta de investimento nas mais diversas práticas esportivas em

detrimento do futebol no Brasil. Os desafios são de várias ordens: estrutura física como espaços para a prática, materiais adequados e de qualidade, investimento na profissionalização dos professores e técnicos e políticas públicas de incentivo e permanência de projetos esportivos.

Temos convicção de que o Rugby pode conquistar multidões no país, mas precisamos de uma estratégia voltada para a massificação do esporte, aumentar o número de praticantes e de torcedores e de pessoas envolvidas com os clubes. E nos parece papel preponderante da CBRu auxiliar para alcançar esses objetivos, além de garantir que projetos como NINA e VOR, além de tantos outros que estão em funcionamento, se tornem programas, e que possam vislumbrar um horizonte não tão distante, do rugby jogado na cena inicial destas considerações, com muita diversão e descontração.

9. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araújo, A.C., et al. Formação e atuação pedagógica no Programa Segundo Tempo: reflexões sobre o fazer cotidiano do professor. *Motrivência* Ano XXIV, No 38, P. 40-58 Jun./2012

Bath, Richard, ed. (1997). *The Complete Book of Rugby*. Seven Oaks Ltd.

Ciampolini, V., Milistetd, M., Kramers, S., & Nascimento, J. V. do. (2020). What are life skills and how to integrate them within sports in Brazil to promote positive youth development?. *Journal of Physical Education*, 31(1), e-3150. DOI: 10.4025/jphyseduc.v31i1.3150

Correia, M. M., Projetos sociais em Educação Física, esporte e lazer: reflexões preliminares para uma gestão social. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 29, n. 3, p. 91-105, maio 2008

Daólio, J. (2002). Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos – modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v.4, n.10, 99-104.

Dicionário de termos técnicos da Assistência Social / Belo Horizonte. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social. Belo Horizonte: ASCOM, 2007.

Esperança JM, Regueiras ML, Brustad RJ, Fonseca AM. Um olhar sobre o desenvolvimento positivo dos jovens através do desporto. *Rev Psic Deporte* 2013;22(2):481-487.

Falcão W. R., Bloom G. A. & Gilbert W. D. (2012): Coaches' Perceptions of a Coach Training Program Designed to Promote Youth Developmental Outcomes, *Journal of Applied Sport Psychology*, 24:4, 429-444

Ferreira, H.B. (2009) *Pedagogia do esporte: identificação, discussão e aplicação de procedimentos pedagógicos no processo de ensino-vivência e aprendizagem da modalidade basquetebol*. Dissertação de mestrado. Campinas, 2009.

Galatti, L. R., et. al. *Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos*. Conexões, v. 6, p. 397-408, 2008.

Garganta, J. M. *O ensino dos jogos desportivos colectivos: perspectivas e tendências*. Movimento. 1998; 4 (8): 19-27.

Gil, A. C., *Como elaborar projetos de pesquisa - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002*

Graça, Amândio. *Os comos e os quandos no ensino dos jogos*. In: Graça, A.; Oliveira, J. (Org.) *O ensino dos jogos desportivos*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física, Universidade do Porto, 1995. p. 27-34.

Greco, P. J. (coord.) (1998). *Iniciação Esportiva Universal – Volume 2*. Belo Horizonte: Editora Universitária – UFMG.

Guedes, S. L., Davies J. D'A., Rodrigues M. A. e Santos R. M. (2006): *Projetos sociais esportivos: notas de pesquisa. 'Usos do Passado' — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ; 2006*

Jones MI, Dunn JGH, Holt NL, Sullivan PJ, Bloom GA. Exploring the '5Cs' of positive youth development in sport. *J Sport Behav* 2011;34(3):250-267.

Leonardi, T. J., Galatti, L. R., Paes, R. R. (2006) *Pedagogia do esporte: o processo de ensino, vivência e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos e sua relação com a formação integral do indivíduo*. In: *II Congresso Internacional de Deportes de Equipo*

Lerner, R. L., et al. (2005). *Positive Youth Development, Participation in Community Youth Development Programs, and Community Contributions of Fifth-Grade Adolescents Findings From the First Wave Of the 4-H Study of Positive Youth Development*. *Journal of Early Adolescence - J EARLY ADOLESCENCE*. Vol. 25 No. 1, February 2005. 17-71. DOI: 10.1177/0272431604272461.

Machado GV, Galatti LR, Paes RR. *Seleção de conteúdos e procedimentos pedagógicos para o ensino do esporte em projetos sociais: Reflexões a partir dos jogos esportivos coletivos*. *Motrivivência* 2012(39):164-176.

Mello, A. da S., Jorge, R. S., Souza, J. S., & Nascimento, A. C. S. do. (2016). *Atividades Físicas e Esportivas nos Projetos Sociais: O Estado do Conhecimento em Revistas Científicas da Educação Física*. *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, 19(4), 1–33. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2016.20052>

Melo, V. A. de; (2008); *Projetos sociais” de esporte e lazer: Reflexões, inquietações, sugestões*; em <http://quadernsanimacio.net>; no 7; enero de 2008; ISSN 1698-4044

Mesquita I. *O papel das comunidades de prática na formação da identidade profissional do treinador de desporto*. In: Nascimento JV, Ramos V, editors. *Jogos desportivos: Formação e investigação*. Temas em Movimento. Florianópolis: Editora Tribo da Ilha; 2013, p. 295-318.

Petry K., Froberg K., Madella A., AEHESIS Report of the First Year. Published by the Department of Leisure Studies, German Sport University Cologne, 2004 ISBN 3-00-015278-4

Resende, R. Desafios na formação de treinadores de jovens. In: Nascimento J. V. do, Ramos V. e Tavares F. (Org.) Jogos desportivos: formação e investigação (pg. 359-383). Florianópolis, Ed. da UDESC. 2013.

Rigoni PAG, Belém IC, Vieira LF. Revisão sistemática sobre o impacto do esporte no desenvolvimento positivo de jovens atletas. J Phys Educ 2017;28(1):1-14. Doi: 10.4025/jphyseduc.v28i1.2854.

Stigger, M. P., & Thomassim, L. E. (2013). Entre o “Serve” e o “Significa”: Uma Análise sobre Expectativas Atribuídas ao Esporte em Projetos Sociais. *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, 16(2). <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2013.656>

Ventura, M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Rev. SOCERJ*; 20(5): 383-386, set.-out. 2007.

Referências online

NINA:

<https://brasilrugby.com.br/2021/08/12/projeto-nina-consegue-aprovacao-para-captacao-de-lei-de-incentivo-ao-esporte/>

<https://brasilrugby.com.br/2023/06/22/festivais-projeto-nina-rugby-rolaram-em-parceria-com-o-cob/>

VOR

<https://jornalcomunicacao.ufpr.br/projeto-vivendo-o-rugby-retorna-as-atividades-presenciais/>

<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/projeto-social-vivendo-o-rugby-e-premiado-na-inglaterra/34788>

<https://www.portaldorugby.com.br/noticias/fora-de-campo/entrevista-leca-jentzsch-e-o-vivendo-o-rugby>

CAPTAR

<https://www.portaldorugby.com.br/noticias/fora-de-campo/federacao-gaucha-lanca-projeto-captar-para-o-rugby-juvenil>

Anexo 1

Roteiro de Entrevistas

1. Como surgiu a ideia do projeto?
2. Para qual público alvo o projeto foi pensado?
3. Como você justificaria o seu projeto como um projeto social?
4. Qual é a base metodológica do projeto?
5. Poderia descrever a metodologia do VOR, NINA CAPTAR?
(Questionar sobre os valores do rugby)
6. Descreva o perfil/pré-requisitos dos professores/treinadores que pretendem atuar no CAPTAR, VOR e NINA
7. Há formação específica para os professores/treinadores admitidos no VOR, NINA?
8. Se sim, para a resposta anterior, como ocorre essa formação?